

# Reflexões sobre a função paterna no trabalho psicanalítico com crianças

## *Considerations on father's role in psychoanalytical treatment of children*

---

*Karla Patrícia Holanda Martins\**  
*Irvina Leite de Sampaio\*\**  
*Maria Celina Peixoto Lima\*\*\**  
*Tallise Maria Moraes Dias\*\*\*\**

**Resumo:** Importantes reflexões no campo da psicanálise em extensão têm apontado os deslocamentos no lugar conferido ao pai e seus possíveis efeitos nos processos de subjetivação na contemporaneidade. O analista, na sua escuta às crianças, é convocado a pensar nas contingências desta subjetivação e nas suas relações com as construções sintomáticas que tão precocemente se apresentam. No presente artigo, possíveis repercussões psíquicas de impasses relacionados ao pai e às vertentes de sua função foram trabalhadas a partir de fragmentos do percurso analítico de uma criança.

**Palavras-chave:** Contemporaneidade, clínica psicanalítica, infância, função paterna.

**Abstract:** *Some important considerations on the psychoanalytical field have pointed to a new role of the father and its possible effects in the subjectivity process taking place in contemporary times. The psychoanalyst, in listening to children, has to approach the contingencies of such subjectivity production as well as its relationship with symptoms which arise in such early age. In the present paper, we develop some possible psychic repercussions of impasses related to the father and his role based on the analytical story of a child.*

**Keywords:** *Contemporaneity, psychoanalytic clinic, childhood, father's role.*

---

\* Psicanalista, Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UNIFOR, Coordenadora da pesquisa Psicogênese e Psicanálise, Coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções Psicanalíticas na Clínica e no Social - LEIPCS. Doutora em Teoria Psicanalítica/UFRJ.

\*\* Psicóloga/UNIFOR.

\*\*\* Psicóloga; Mestre em Psicologia Clínica/PUC-Campinas; Doutora em Psicologia/Universidade Paris 13, Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UNIFOR, Coordenadora do Laboratório de Estudos e Intervenções Psicanalíticas na Clínica e no Social - LEIPCS.

\*\*\*\* Aluna da graduação em Psicologia/UNIFOR.

## Introdução

O contexto societário contemporâneo passa por grandes transformações, sendo ele caracterizado, por exemplo, pelo individualismo (Dumont, 1985) e pela suspensão dos limites (Lebrun, 1985) que desembocam em novas modalidades de subjetivação e de laços sociais. Essas mudanças trazem implicações para a dinâmica familiar, sendo marcante, na atualidade, uma pluralidade de arranjos, com transformações no que diz respeito às expectativas relacionadas às funções parentais e às de filiação. Assim, de forma distinta ao que se tinha na família tradicional, onde o exercício normativo do pai implicava, na maioria das vezes, em obediência e submissão por parte dos filhos, o pai contemporâneo tem sua autoridade questionada. Vale salientar que não se trata aqui de uma exaltação aos valores e configurações inerentes a família tradicional, mas de criarmos condições para refletir, no contexto da clínica psicanalítica, sobre o exercício da função paterna na contemporaneidade e seus possíveis efeitos subjetivos.

## O lugar do pai e os modos de subjetivação na atualidade

Lacan (1957-1958/1999, p. 186-187), no seminário sobre as formações do inconsciente, afirma: “O pai, para nós, *é*, ele *é* real. Mas, não nos esqueçamos de que ele só *é* real para nós na medida em que as instituições lhe conferem, eu nem diria seu papel e sua função de pai – não se trata de uma questão sociológica -, mas seu nome de pai”. Em que medida, na atualidade, as instituições, a família entre estas, tem conseguido lhe conferir um nome? É esta a pergunta que orientará esta primeira parte de nossa discussão. Em não se tratando de uma investigação propriamente sociológica, estenderemos a questão ao contexto da clínica psicanalítica com crianças.

De acordo com Roudinesco (2003), a família contemporânea se estabelece a partir de 1960 e é caracterizada por uma união entre dois indivíduos em busca de uma relação íntima e realização sexual. Nesse contexto, a questão da autoridade vai se modificando, pois os novos arranjos familiares diluem a formalização dos lugares antes fixados nos pais e filhos. Além disso, tem-se o avanço do declínio do patriarcado, que foi intensificado pela diminuição da autoridade moral do pai e da exclusividade do seu poder econômico. Outro fato apontado pela autora é a ascensão de valores humanistas de respeito ao outro no pós-Segunda Guerra Mundial, o que proporcionou o cenário ideal para a emancipação feminina e para a reconfiguração dos lugares antes ocupa-

dos por homens e mulheres na sociedade. O modelo hegemônico sobre o qual se sustentava a figura paterna hoje se dissolve, gerando novas formas de parentalidade, com múltiplos efeitos para o processo de subjetivação dos filhos.

No que se refere às novas modalidades de laços sociais, a contemporaneidade seria caracterizada por uma crise da legitimidade (Lebrun, 2008). No vazio de ideologias o sujeito passa a se determinar por ele mesmo, circunstância para emergir uma nova economia psíquica, caracterizada pela exibição do gozo, e não mais pelo recalque (Melman, 2003). Mário Fleig (2000) propõe que a deslegitimação do lugar do pai estaria hoje associada à obrigação de uma justificação sem fim de quem vem a ocupar este lugar, como se a autoridade dos pais não se sustentasse em sua palavra, sendo preciso buscar fundamento em infinitas argumentações. Neste contexto, os filhos passaram a ocupar um lugar de tanto destaque dentro da família, que são eles, em boa parte dos casos, que tomam algumas das decisões familiares, muitas vezes negando a diferença geracional.

Assim, enquanto que, na família tradicional, o lugar do pai se afirmava a partir de um lugar de enunciação, na contemporaneidade tem-se enunciados impessoais, em que o saber passa a valer para todos, como propõe o discurso científico, anulando o valor de uma verdade singularizada. Segundo Petri (2008), enquanto o lugar ocupado pelo saber paterno passa por uma deflação, há uma inflação do saber conferido à ciência, um saber acéfalo (Lebrun, 2004; 2008; Melman, 2003). No conjunto do tecido social, novas formas de laços e novas patologias são instauradas, passando estas a ser organizadas em torno da progressiva desimplicação subjetiva do indivíduo, o que compreende desde as formas de anonimato até as maneiras de desresponsabilização pelo social e por si mesmo.

Os processos de desautorização dos pais na atualidade podem ser observados a partir de alguns arranjos familiares, a exemplo: o pai, pouco a pouco privado de seus atributos, passa por um deslizamento do seu papel em direção ao ideal materno, deixa de se contrapor, abdica do seu papel de educar os filhos e passa a ser um auxiliar devotado da função materna; a criança, por sua vez, já não mais se defronta com as diferenças do casal parental. Pode-se supor, em consequência, que impasses na função de simbolização sejam aí produzidos, fazendo emergir novas modalidades de sofrimento na infância. Cabe ressaltar que as posições subjetivas dos pais não determinam na totalidade os processos de subjetivação da criança, ainda que permaneçam como marcas para uma ressignificação *a posteriori*.

## **A função paterna e a clínica psicanalítica com crianças: a família *transition***

Diante desse cenário sócio-cultural, a clínica psicanalítica é convidada não só a investigar os efeitos resultantes dessa mudança de paradigma, como também a pensar em dispositivos que possibilitem fazer funcionar a metáfora paterna, quando os pais, pelos motivos já apontados, não a sustentam.

O reconhecimento do lugar do pai é suposto estar presente desde o início da vida da criança, a fim de que seja possibilitado a ele o exercício de sua função: sustentar e intervir na díade mãe-bebê; em outras palavras, oferecer condições ao estabelecimento da demanda e do desejo. Se a função paterna, inicialmente, potencializa a função materna, sendo uma facilitadora da relação diática, é igualmente necessário que esta função interrompa a relação fusional que se produz entre a mãe e o bebê, e assegure assim, um domínio simbólico para a experiência de onipotência que até então fazia equivaler imaginariamente o bebê ao falo. A intervenção do pai nesse momento é considerada, por Lebrun (2004), uma castração primária, entendida como aquela que é instaurada no momento em que a criança renuncia a ser-toda. Assim considerado, o desejo da mãe é fundamental na operação da função do pai, pois é através dele que o pai, na condição de um significante, faz advir o pai simbólico, agente da castração primária e da operação da metáfora paterna.

O pai pré-edípico, portanto, é aquele que vai mediar a relação fusional mãe-bebê, separando o infante do gozo materno. Um outro tempo de intervenção paterna se dá através do Édipo. Para meninos e meninas, o pai aparece como figura central no estabelecimento e dissolução do complexo de Édipo. Por meio dele, dar-se-á a desistência de manter as figuras parentais como objetos privilegiados de investimentos libidinais, possibilitando o surgimento das identificações. Trata-se aí da substituição da dimensão do desejo materno pela dimensão da lei paterna. Sendo assim, a metáfora paterna se constitui como uma operação que possibilita a substituição do significante do desejo materno pelo significante do Nome-do-Pai. Desse modo, Lacan (1957-58/1999) considera que a função do pai no complexo de Édipo é a de ser um significante que substituiu o significante materno. Quando a palavra do pai assume um estatuto de endereçamento, com valor junto à mãe, o desejo materno perde o estatuto de puro capricho. Há, então, um entrelaçamento entre desejo e lei. (Lacan, 1957-58/1999).

Lebrun (2004) ressalta, seguindo as indicações de Lacan, que embora a mãe desempenhe papel fundamental, podendo eventualmente operar enquan-

to função paterna, a intervenção de um pai real sustentada a partir de seu desejo próprio, opera com particularidade. É essa intervenção que irá fazer prevalecer a ordem simbólica sobre a ordem imaginária que, até então, organizava a relação mãe-criança. Essa vertente do pai irá situar o infante numa outra perspectiva, possibilitando que, no futuro, a criança tenha a capacidade de deixar suas origens, fundando nova posição (Julien, 1997).

Passaremos agora a abordar algumas dessas questões a partir de uma vinheta clínica do trabalho com uma criança em uma clínica-escola. O recorte que será apresentado suscitou reflexões sobre os impasses enfrentados no exercício da função paterna na contemporaneidade, especialmente no campo da demarcação da diferença geracional.

A estruturação de um sujeito não é definitiva, é histórica. Nela se imbricam as marcas de sua história singular e coletiva, a obscuridade dos fantasmas de seus pais, da história de suas origens e, ainda, do que não foi pronunciado, mas que retorna por uma via sintomática. O que é transmitido pelos pais também revela as marcas de um atravessamento social e cultural.

É por intermédio da demanda dos pais, mediada ou não por outras instituições sociais, que o analista recebe a criança em seu consultório, compondo, desde o início, um complexo campo de transferência. O trabalho com os pais é orientado pelo pressuposto de que a manifestação sintomática da criança pode ser um modo de responder ao que há de sintomático na estrutura familiar. Sob efeito dos significantes do campo do Outro, a criança buscará construir uma versão própria para o lugar discursivo que os pais lhe oferecem (Mannoni, 1986; Bernardino, 2007). À medida que os pais podem falar do lugar fantasmático no qual a criança é colocada, abre-se a possibilidade de que esta experimente uma nova posição subjetiva. Nesse sentido, Petri (2008) ressalta que a escuta dos pais durante todo o tratamento da criança é de fundamental importância, principalmente no que diz respeito à função paterna e à transmissão.

No caso desta criança (um menino de seis anos de idade), a queixa principal da mãe referia-se à possibilidade que o pai pudesse vir a exercer “uma influência negativa” (*sic*) sobre a mesma após a separação do casal. A mãe discorre inicialmente sobre como conheceu o pai de seu filho, as circunstâncias do casamento, da separação e, principalmente, tece muitas considerações acerca do que era identificado como estranhos comportamentos sexuais do ex-marido junto à sua mãe e irmã. Em meio a essas circunstâncias nasce a criança, diz a mãe, “sem espaço para colocá-lo” (*sic*). Após a denúncia de um abuso sexual pelo marido, o casal se separa e é dito ao menino, considerado

pelos pais pequeno demais para entender o motivo do rompimento, que o gosto do pai pela mentira foi a causa da separação.

Nas entrevistas realizadas com o pai, novamente a temática do relacionamento conjugal se fez presente. O pai apresentou-se como “humilhado” (*sic*) diante da esposa, nas palavras dele, “essa mulher só faltava ter um bigode para ser um homem”, explica-se dizendo que era ela quem assumia todas as decisões da casa, inclusive aquelas que diziam respeito ao filho. As entrevistas com os genitores são marcadas por falas de acusação onde predomina a mútua desautorização destes. No tocante aos acontecimentos descritos acima, o pai dizia que não gostava de relembrar o passado, pois não se reconhecia no mesmo, tendo encontrado refúgio na instituição religiosa da qual faz parte. Ao falar com o filho sobre os motivos que levaram à separação, afirma que quando ele crescer entenderá melhor e que agora não é momento para falar de tais assuntos.

No trabalho com os pais, deve-se estar atento a alguns significantes que indicam a posição subjetiva da criança e sua tentativa de responder a partir do lugar por ele ocupado no fantasma parental. Inglês-Mazzarella (2006) nos lembra que o trabalho da transmissão psíquica geracional indica que a criança terá que se apropriar de sua história, tomando-a para si e recriando a sua versão no sintoma. Ainda quando estavam casados, os pais costumavam brincar com a criança da “brincadeira do sanduíche” (*sic*), assim descrita: os três deitavam na cama e formavam um sanduíche humano, e aquele que ficasse mais espremido tinha que pedir para sair do jogo. Geralmente a salsicha desse pão era a criança. É a partir desta posição-sintoma, espremido entre as demandas dos pais, que o menino se apresenta na transferência, através do seu brincar.

Já nas primeiras sessões, a sua brincadeira favorita era a do “equilíbrio” (*sic*). Essa brincadeira consistia em colocar objetos uns sobre os outros para ver “quem agüentava mais” (*sic*). Fazendo intervenções no sentido de articular a brincadeira à posição subjetiva da criança, esta formula que realmente se encontra numa “*espremeção* entre o pai e a mãe” (*sic*). A trapaça, a mentira, a tentativa de levar vantagem nos momentos de impasse nos jogos são constantes no seu brincar; dizia não poder se responsabilizar por suas ações e justificava-se pela sua desatenção. A mentira comparecia também como uma forma de obter ganhos na relação com os pais. Julgava que seria preciso mentir para agradar ao pai e a mãe e continuar, simultaneamente, respondendo às demandas de cada um, nas suas palavras: “é preciso ser um robô dividido, um lado do pai e outro da mãe” (*sic*); assim a mentira passa a ter um alto valor na barganha pelo amor dos pais.

Ao longo do processo, as queixas sobre as mentiras do pai são introduzidas pela criança. Por vezes, queixa-se de que seu pai “gosta de enganá-lo, de

que ele *admite* para ele” (*sic*), uma equivocação plena de conseqüências. Sessões com a criança e o pai foram marcadas e, por meio desses encontros, a criança se autoriza a dizer que o pai “é um enrolão, que sempre trapaceia e rouba no jogo” (*sic*), retomando as suas palavras, que esse pai não admite. O que esse pai não admite? Ou melhor, que impasses existem aí na transmissão da lei, já que parecemos estar diante de um pai às voltas com a transgressão?

Simultaneamente a esta construção da criança, a mãe toma algumas atitudes no sentido de denegrir a imagem paterna corroborando a sua desautorização. Como já dito, para que a incidência mediadora do pai se faça presente, é preciso que a palavra deste assuma um valor no discurso materno. Ainda no brincar competitivo, a criança demonstrava ser sempre preciso ganhar mais, ainda que, para tanto, devesse mentir e trapacear. Dor (1994) vem lembrar que o pai é apreendido sob a forma de uma imago paterna, enquanto representação, relacionada ao modo como a criança, na economia do seu desejo, pode percebê-lo, mas também, tal como consegue a partir do discurso da mãe. No caso em questão, a mentira é o significante que sustenta a representação paterna.

Após as sessões com o pai, a criança passa a brincar constantemente de “guerra” (*sic*). As sessões transcorrem quase sempre voltadas para os preparativos dessa guerra: a organização dos esconderijos, a escolha e divisão das armas, etc. Interessante notar que o cenário para a eclosão da guerra é a casa, e que tudo se passa de maneira velada, sem que um adversário possa ver a organização do esconderijo do outro. Quando vai montar sua “base”, pede que a terapeuta fique de costas e feche os olhos. É na casa então que comparece a dimensão do segredo, do não-dito, uma indefinição que se traduz como guerra. Após um período de intensa batalha, o menino decide brincar com os bonecos de pano de sua caixa lúdica, raramente utilizados; diz que é uma família e começa a nomeá-los. Foi pedido que ele escrevesse os nomes de cada membro da família no papel. Ele então foi nomeando um a um, e atribuindo suas profissões. A primeira a ser nomeada foi a avó/ajudante, em seguida veio o pai/médico, a mãe, com postura bastante erotizada, era cantora de um conjunto de música, havia ainda um filho de bigodes e cabelos brancos e um primo com aparência de criança. Questionado sobre a aparência desse filho de cabelos brancos, ele respondeu que se tratava de um “falso adulto” (*sic*).

Depois de ter dado nomes a todos os membros da família, a criança resolveu nomeá-la também. Percebendo que os bonecos estavam distribuídos de maneira irregular, uns por cima dos outros, disse que aquela era “a família *transition*” (leia-se: *transichion*), porque todos transavam com todos. O pai transava com a avó, a mãe com o filho, o filho com o pai, enfim, até uns bone-

cos-bebê transavam, “mal nasceram e já estavam transando” (*sic*). Foi dito a ele que a família *transition* era como um sanduíche, onde estava tudo misturado, sem definição, com o que ele concordou. A brincadeira colocava em cena o não-dito e, paradoxalmente, a sua transmissão.

Na sessão posterior à nomeação da família *transition*, o menino criou uma legenda com as iniciais dos membros da família, demarcadas por cores diferentes e, ao lado de cada inicial, escreveu as idades; um ato importante no sentido de delimitar os lugares ocupados por cada membro e as diferenças geracionais presentes na família que, a partir de então passou a se chamar ‘família Sousa’ (*sic*), pois, segundo ele, agora estava em “harmonia” (*sic*). Foi pedido pela criança que fosse trazido um boneco para representar o avô, já que “ele ainda não estava fazendo parte dessa família” (*sic*). Inserido então o avô na ‘família Sousa’, a sua anterioridade foi situada em relação aos demais membros da família. Procurando uma profissão para o avô, ele diz que este é “atrapalhador” (*sic*). O quê então ele atrapalha?

Acompanhando as considerações de Lebrun (2008), sobre os processos de subjetivação na família contemporânea, a família *transition* está sendo considerada aqui a família das relações horizontais, onde as diferenças geracionais encontram-se anuladas, por isso é possível que todos transem com todos. É onde o lugar de exceção parece elidido que sintomaticamente retorna na figura deste falso-adulto: avô ou filho? Em nome de quem são transmitidos os significantes da lei e da filiação? A esse respeito, pode-se ainda retomar a afirmação de Lebrun (2008) de que as possibilidades de inscrição da alteridade para a criança dependem que esta encontre um outro que encarne efetivamente para ela um lugar de exceção. Caso contrário, a transmissão entre gerações ficará comprometida, havendo uma dissolução dos laços que unem anterioridade, alteridade e autoridade.

## Considerações finais

A retomada deste estudo clínico, a partir do recorte teórico realizado restringe a abordagem de sua complexidade; questões sobre a transferência e as modalidades de intervenção na prática clínica com esta criança poderiam ser tomadas como pontos de partida para outras reflexões. Considerando-se os Nomes-do-pai (Lacan, 1989), seria igualmente importante delimitarmos o que fracassa no exercício desta função da função paterna. A transmissão e a manutenção das diferenças geracionais foram eleitas como prerrogativas fundamentais. Deve-se considerar que a transmissão se opera tanto no nível das palavras



como também dos não-ditos e segredos familiares. Essa transmissão se dá no singular, marcando no sujeito o lugar de exceção, lugar daquele que pode transmitir algo. Cabe uma ressalva que o singular, para a psicanálise, não exclui a dimensão da cultura, mais radicalmente, é condição para a transmissão e a instauração da ordem da diferença. Como nos lembra Flesler (2007), a partir de Lacan, ainda que o importante não seja a fixação de Um nome único, a consistência simbólica se faz em um solo real, onde o limite é um dos nomes.

Sugere-se que o percurso desta criança pode ilustrar ainda a discussão sobre o exercício da função paterna e seus possíveis efeitos à transmissão na contemporaneidade. Todos os membros da família, situados lado a lado, viram pares e se diferenciam apenas por suas posições sociais-profissionais, o que não representa garantia de um lugar simbólico. Como o analista deverá aqui se posicionar? Lebrun (2008) sugere que, neste contexto, o analista deve intervir através de uma presença real, que possibilite uma nova oportunidade para que Outrem possa se inscrever. Mas como diferenciar a prática analítica com crianças de uma prática pedagógica ou de uma via superegóica onde os pais reais são trabalhados apenas em sua vertente imaginária? Esta questão vem marcando a história da psicanálise com crianças, permanecendo ainda hoje um crucial desafio.

#### **Tramitação**

Recebido em 21/07/2010

Aprovado em 10/08/2010

**Karla Patrícia Holanda Martins**

e-mail: kphm@uol.com.br

**Irvina Leite de Sampaio**

e-mail: irvinasampaio@gmail.com

**Maria Celina Peixoto Lima**

e-mail: celina.lima@unifor.br

**Tallise Maria Morais Dias**

e-mail: tallisemorais@hotmail.com

## Referências

- CAMPOS, Sergio Passos R. de. A utilidade do pai. *Curinga - Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, Minas Gerais, n. 23, nov. 2006.
- DUMONT, Luis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- DOR, Joel. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O pai e sua função em psicanálise*. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- FLEIG, Mario. A tese do declínio da imago social do pai e o deslocamento da autoridade. In: LAJONQUIÈRE, Leandro de et al. (Org.) *A Psicanálise, a educação e os impasses da subjetivação no mundo moderno*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000. Anais do II Colóquio do LEPSI.
- FLESLER, Alba. *El niño em análisis y el lugar de los padres*. Paidós: Buenos Aires, 2007.
- FREUD, Sigmund (1913). *Totem e tabu*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. 13).
- INGLEZ-MAZZARELLA, Tatiana. *Fazer-se herdeiro: a transmissão psíquica entre gerações*. São Paulo: Escuta, 2006.
- JERUSALINSKY, Alfredo. A função paterna e o mundo moderno. In: LAJONQUIÈRE, Leandro de et al. (Org.) *A psicanálise, a educação e os impasses da subjetivação no mundo modern*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.
- JULIEN, Philippe. *O manto de Noé: ensaio sobre a paternidade*. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.
- LACAN, Jacques. (1957- 1958). *O seminário: livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- \_\_\_\_\_. (1972). *O seminário: livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- \_\_\_\_\_. (1974). O despertar da primavera. In: *Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce*. Portugal: Assírio & Alvim, 1989.
- LEBRUN, Jean Pierre. *A perversão comum: viver juntos sem outro*. Tradução Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Tradução Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004

MANNONI, Maud. *A primeira entrevista em psicanálise*. Rio de Janeiro: Campus, 1986.

MEIRA, Yolanda Mourão. Entrevistas preliminares: o sintoma da criança e o fantasma dos pais. In: FERREIRA, Tânia. *A escrita da clínica: psicanálise com crianças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Entrevistas por Jean-Pierre Lebrun. Tradução: Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003

PETRI, Renata. *Psicanálise e infância: clínica com crianças*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.